

APONTAMENTOS DE LEODEGÁRIO AZEVEDO PARA OS ESTUDOS MEDIEVAIS NO BRASIL⁴

Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ/ABRAFIL)
alvabrag@letras.ufrj.br

1. Introdução

Leodegário Amarante de Azevedo Filho (Recife, 1927 – Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 2011). Uma simples menção a data natalícia e a *data mortis* em algum canto da *Wikipedia*! Palavras, como dizia o poeta, são como o vento, também necessitando de uma calmaria, para que desçam até o nível da consciência inconsciente ou da consciente inconsciência do leitor/ouvinte até que se possa aquilatar a ampla dimensão de seus alcances!

Avaliar a importância do professor, ensaísta e filólogo para a Academia Brasileira de Filologia não faria jus ao legado, mais que presente, onipresente, do grande Mestre.

Navegando com Camões, vendo, não na areia da praia, os versos de Anchieta, dialogando com o moderno Murilo Araújo, lendo e relendo Cecília Meireles, acatando e não se recatando estilisticamente com Manuel Maria Barbosa du Bocage, discutindo os textos de Machado de Assis, adentrando os sertões da obra euclidiana, analisando Eça de Queiroz em um colóquio com o teórico Ernesto Guerra da Cal, trazendo a África e a poesia angolana para a luz do holofote acadêmico brasileiro e, por fim, lidando pessoalmente com o imortal Pessoa e immortalizando Lygia Fagundes Telles, Leodegário construiu pontilhões para a literatura, na medida em que permitiu, com base em sua sólida cultura, experiência pedagógica e verve de escritor, o contato de muitos de nós com novas perspectivas da arte da palavra, oriunda esta de vários continentes.

Todavia, esta pequena digressão serve apenas para demonstrar o enorme desafio para o interessado em trabalhar com o *corpus leodegariense*. Em um primeiro momento vejamos as explícitas produções de Leodegário relacionados à crítica textual.

⁴ Apesar de haver faltado ao XVI CNLF, onde apresentaria uma conferência com este tema, em homenagem a Leodegário A. de Azevedo Filho, o Prof. Álvaro redigiu o texto de sua fala e o apresentou, posteriormente (15/12/2012), na Academia Brasileira de Filologia. [NE]

2. *Leodegário, a filologia e a crítica textual*⁵

Caso atentemos exclusivamente aos títulos publicados pelo Mestre notamos que as obras a seguir trazem uma direta relação, em sua nomeação, com a filologia e a crítica textual:

- a) *Ensaios de linguística e filologia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- b) *Miscelânea filológica Clóvis Monteiro*. Sob sua coordenação. Rio de Janeiro: Editora do Professor, 1965.
- c) *Miscelânea filológica Serafim da Silva Neto*. Sob sua coordenação. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- d) *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença/USP, 1987. Apresentação de Antônio Houaiss.
- e) *Ensaios de linguística, filologia e ecdótica*. Rio de Janeiro: S-BLL/UERJ, 1998.
- f) *A lírica de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985-2001, 8 tomos⁶.
- g) *Base teórica de crítica textual*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.

Todos os estudos acima arrolados resultam de seus acurados estudos sobre a crítica textual, de segura base lachmanniana, de seus entrecruzamentos epistemológicos com outras ciências da linguagem como a linguística, língua e literatura portuguesa e sobre a contribuição de nomes como Clóvis Monteiro e Serafim da Silva Neto, demonstrando o caráter intra e transdisciplinar da produção do recifense.

Talvez deva saltar aos olhos do ouvinte/leitor deste trabalho a não inclusão de outros textos, considerados exponenciais principalmente dentro de uma perspectiva mais centrada em um viés, que aqui elegemos como tópico de discussão, qual seja, aquele de um Leodegário medievalista.

⁵ Faremos a recolha apenas dos livros publicados por Leodegário. Não serão aqui reunidos os inúmeros artigos e contribuições para periódicos especializados, objeto de futuro trabalho de recolha.

⁶ O nono tomo (ou seja, volume 5, tomo 2) ficou na editora, mas não foi publicado em vida do autor. Esperamos que ainda o seja. Marina Machado Rodrigues está continuando a preparação da obra, e esperamos não seja novamente procrastinada por tão longos anos. [NE]

A fim de destacarmos suas obras ligadas total ou parcialmente à Idade Média cremos ser de basilar importância alguns comentários acerca dos estudos medievais como área de conhecimento, sintetizada pelo conceito de *medievística*.

3. *Medievística – considerações gerais*

Que a literatura pode representar um dado ângulo de percepção sobre uma realidade social, mas nunca apreende a mesma como esta foi, não pode mais ser posto em dúvida por ninguém.

Sempre que são utilizadas fontes literárias para a interpretação e para a exegese textual, corre-se o risco de que a argumentação se movimente em círculos. Dever-se-ia ter que recorrer também a outros grupos de fontes, como, por exemplo, fontes jurídicas contemporâneas aos escritos em estudo. Dever-se-ia remontar aos procedimentos transmitidos por escrito sobre festas e cerimônias, às assim chamadas *ordines*, e comparar suas versões com aquelas das representações literárias.

A ciência histórica compilou algum material que permite o testemunho sobre o que podemos evidenciar como realidade de grupos sociais distintos em épocas distintas, principalmente se trabalhamos com a Antiguidade ou a Idade Média. Aliando o texto às descobertas arqueológicas, paleográficas e monumentais caminha-se, a passos lentos, mas seguros, rumo a um melhor descortinamento do período que enfocaremos daqui a pouco. À *medievística*, área do conhecimento ainda pouco conhecida entre nós, caberá a tarefa principal da investigação, no que diz respeito essencialmente à pesquisa do *background* literário e histórico.⁷

Tanto o cientista da literatura quanto o historiador devem tencionar a interseção discursiva, onde se imbricam as especificidades operacionais e metodológicas de ambas as áreas do saber com vistas a uma focalização micro e macroscopicamente maior. Por um lado, centra-se a observação em um dado momento, relatado em certo fragmento textual; por outro lado, amplia-se a esfera de abrangência da pesquisa, perfazem-

⁷ Entendemos o termo em alemão *Mediävistik* como a ciência que tem por finalidade estudar uma determinada língua e a literatura compilada nesta língua durante a Idade Média e que as considera não como um fenômeno isolado, mas as contextualiza em uma época com sua cultura e civilização específicas. A *Medievística*, como propomos, prende-se aos estudos de *Kulturwissenschaft*, ou *Cultural Studies* (*apud* BRANDT, 1999, p. 15-16; BACHMANN-MEDICK, 1996, p. 7-64)

do isto exatamente o que postula Marcel Detienne: compara-se! No campo da historiografia, a história comparada operacionaliza o caleidoscópio informativo. A própria – *Kulturwissenschaft* – em sentido moderno – conforme Doris Bachmann-Medick a caracteriza, fornece elementos importantes para a medievística e é de grande valor como metodologia pelas suas premissas e inserção na práxis da análise, pois, no caso de pesquisas acerca do medievo, as informações sobre a mentalidade das pessoas, a hierarquia social, concepções de mundo e condições de vida reais e idealizadas desde a época da Grande Migração até o século XIII são passíveis de confronto com a realidade histórica. Entretanto, propomos a considerar até que ponto textos e contextos passíveis de análise literária podem funcionar como documentos da vida efetivamente sentida, vivida, mas também imaginada durante os séculos do medievo.

Os parágrafos acima, embora eminentemente centrados nas relações entre literatura e história, coadunam-se, a nosso ver, com a produção intelectual de Leodegário que versa sobre a Idade Média, pois o homem de letras não pode prescindir de todo um arcabouço teórico contextual que lhe permita melhor analisar seu objeto-fonte de estudo. Por isso, debruçar-nos-emos agora sobre a bibliografia leodegariana exclusivamente relacionada com o medievo.

4. *Leodegário e a Idade Média*

No conjunto de mais de cem títulos publicados em sua profícua vida acadêmica, o Mestre de Recife possui as seguintes obras, que nominalmente atestam sua vinculação com algum aspecto da “Idade das Trevas!”⁸

São elas:

- a) *Anchieta, a Idade Média e o Barroco*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1966. A obra recebeu o Prêmio José Veríssimo, de Ensaio e Erudição, conferido pela Academia Brasileira de Letras. [2. ed. Curitiba: Appris/Prismas,]
- b) *As cantigas de Pero Meogo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974. Edição crítica de um trovador galego-português do século XIII. [2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, em convênio com o INL,

⁸ O termo aqui está, obviamente, sendo empregado de forma jocosa!

1981; 3.ed. Galiza (Espanha): Laivento, 1995; 4. ed. Curitiba: Prismas, 2012].

- c) *História da literatura portuguesa*, v. I: A poesia dos trovadores galego-portugueses. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Edufal, 1983.
- d) *Três ensaios de literatura medieval galego-portuguesa*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2000.

Quantitativamente poucos, mas grandiosos qualitativamente, todos esses textos apresentam as suas reflexões filológicas, crítico-textuais e por que não dizer também historiográficas. Em *Anchieta, a Idade Média e o Barroco*, temos um livro dividido em oito capítulos. O primeiro indica os textos básicos da pesquisa. O segundo e o terceiro destinam-se, respectivamente, ao estudo das poesias líricas em português e em castelhano. O quarto foi reservado à análise das poesias em latim, incluindo-se aí os dois grandes poemas de Anchieta: *De Beata Virgine Dei Matre Maria* e *De Gestis Mendi de Saa*. O quinto trata das composições em língua tupi, e o sexto das composições polilíngues. O sétimo e mais longo de todos trata mais precisamente da interpretação do teatro de Anchieta, em suas implicações medievais e já na linha ideológica da Contrarreforma. É nele que encontramos suas considerações sobre a importância das manifestações teatrais – autos, por exemplo, na construção futura do texto anchietano. Por fim, o oitavo capítulo apresenta as conclusões gerais da pesquisa efetuada, e nele situamos o autor-jesuíta na origem da literatura brasileira, numa fase de transição entre a Idade Média e o Barroco, sem revelar outros compromissos estéticos. A bibliografia, no fim do volume, e em ordem alfabética, apresenta os autores citados no corpo da publicação.

Três ensaios de literatura medieval galego-portuguesa e História da literatura portuguesa, vol. I: A poesia dos trovadores galego-portugueses são obras de referência para os interessados em adentrar o mundo dos trovadores medievais, responsáveis por uma *revolução cultural* (grifo nosso) na Península Ibérica. Enquanto o segundo texto possui um caráter mais geral e didático, em seus *Três Ensaios*, o medievista Leodegário (e aqui usamos propositalmente o substantivo "medievista" com a função de adjetivo, afinal de contas, mais uma "qualidade" do artista da palavra!) aborda em seus três capítulos, – Algumas achegas para a história da edição crítica de textos medievais galego-portugueses no Rio de Janeiro / Uma leitura de Pero Meogo / Uma leitura de Martin Codax – a

teoria aliada à prática da exegese textual, combinando, de uma forma agradável, o saber advindo da erudição com a práxis pedagógica que privilegia o *prodesse et delectare*, o ser útil e o deleitar.

Entretanto, para a apresentação desta singela alocação, escolhemos talvez aquela obra que, tanto em nível de crítica textual quanto de Medievalística é considerada um de seus trabalhos canônicos. Falamos d’*As Cantigas de Pero Meogo* e sobre elas discorreremos a seguir.

5. *Leodegário e o mundo d’As Cantigas – crítica textual e medievalística como abordagens complementares*

Coube-nos a honrosa missão de prefaciara reedição de um *opus magnum* da crítica textual no Brasil e ainda mais ter sido o mesmo escrito por nada mais nada menos que Leodegário Amarante de Azevedo Filho. Na verdade, mais que uma tarefa, tal fato configura-se, isso sim, em um desafio intelectual de monta, pois mensurar a importância da obra é desnecessário, na medida em que *As Cantigas de Pero Meogo* constituem um dos melhores exemplos de labor filológico, cuidado com o preparo de uma edição crítica de textos que caracterizavam o trabalho do mestre, além ressaltar o seu conhecimento indiscutível do *métier* literário da Baixa Idade Média.

Esta quarta edição, cuja criteriosa revisão coube ao filólogo e crítico textual José Pereira da Silva, insere-se dentro da Coleção Crítica Textual em um momento de forte incremento aos estudos de filologia e ecdótica, o que possibilita ao estudioso o acesso a trabalhos de relevância, há muito não revisitados pelos especialistas e ainda pouco conhecidos pelas gerações mais novas. Pensando nelas podemos dizer o seguinte.

Após um ano da perda física do “professor Leodegário”, sua contribuição acadêmica e intelectual continua a impressionar. Língua portuguesa, literatura portuguesa, literatura brasileira, filologia e crítica textual, como visto, foram alguns de seus campos de atuação e de reflexão madura e sólida. Todavia, concentrar-nos-emos nestas linhas, muito sucintamente, em alguns aspectos encontrados n’*As Cantigas de Pero Meogo* que valorizam o viés do medievalista Leodegário.

Possuidor de um embasamento cultural que lhe permitia o trabalho com os textos medievais em vernáculo, o filólogo recifense apresenta n’*As Cantigas*, ao estabelecer a sua lição do texto, uma análise etimoló-

gica do nome do autor, procurando desvendar o mistério etimológico acerca do *Meogo*. O trovador desconhecido toma vida no processo de decodificação de seu nome não usual na antroponímia portuguesa medieval.

Os capítulos da obra em questão, que priorizam a composição textual, a hermenêutica literária das cantigas e as particularidades da lírica galego-portuguesa do medievo inserem-se dentro de uma perspectiva abrangente e interdisciplinar na área de estudos culturais, nomeadamente reconhecida como medievística, quando se aplica ao estudo da produção escrita do medievo, integrando os dados advindos de áreas do conhecimento como filologia, crítica textual, literatura e história, dentre outras. Neste sentido, une-se, à guisa de exemplo, o filólogo da *Iniciação em Crítica Textual* ao teórico de literatura!

A análise das cantigas alia a precisão da descrição dos elementos componentes dos poemas à leitura crítica dos mesmos, oferecendo ao leitor uma proposta de interpretação, não excludente a outras vozes de Hermes. O aparato crítico das nove cantigas perfaz, pois, o *modus agendi* do trabalho filológico, crítico textual, etimológico e medievístico do mestre Leodegário, salientando o seguro manejo com o galego-português.

Importante também é o Glossário Etimológico (p. 153-173), colocado após a Conclusão das partes anteriores da obra. Pode-se atestar o valor da etimologia como área complementar e auxiliar do labor filológico a partir dos exemplos dos termos explicados a partir de sua origem.

Salta-nos aos olhos, em especial, o capítulo III, no qual os subcapítulos 4 e 5 demonstram o alinhamento dos dados linguísticos recolhidos nas cantigas com o contexto de sua produção, isto é, o ambiente medieval que o circundava.

Em *Ação (constituição dos símbolos)*, Leodegário, após fazer um resumo breve do teor das cantigas e de seu enredo, usa figuras recorrentes nos textos e as contextualiza, de acordo com seu uso nos cancioneiros medievais. O item **a** trata da fonte como símbolo (p. 137-141)⁹, lugar-comum na literatura medieval, cuja trajetória percorre um vasto caminho que sai da Antiguidade e desemboca no caudal do medievo.

⁹ As páginas citadas são da edição da Prismas, 2012.

Logo a seguir (p. 141-142) lê-se o cervo como representação da sexualidade viril, encoberta no medievo pelo halo de delicadeza passado pelo animal, mas que, como traçado pelo medievista Leodegário, já está presente, inclusive, no texto bíblico.

Em continuidade ao item **b** encontramos às páginas 142 e 143 o *símbolo do brial rasgado*, em que se discute o fato do vestido estar rasgado representar simbolicamente a perda da virgindade, verdadeiro **topos** da literatura medieval.

Em seguida, em *O baile* (p. 143), vê-se o local, dito pela filha à mãe, no qual se romperá o brial, embora pelos poemas saibamos que o *locus* verdadeiro tenha sido a fonte! E hoje em dia, em nossa Contemporaneidade, será que existe algum paralelo com a imaginação literária do medievo, será que haveria, como afirma Leodegário, outras “conotações e policonotações” (p. 143) de jovens mocinhas em bailes por essa vida a fora?

Por fim, as *garçetas* - madeixas de cabelos -, (p. 143-144) são analisadas como referencial de virgindade, incluídas nas cantigas de Pero Meogo, “*num mesmo campo semântico: volver a água pelo cervo e lavar as garçetas*”, pois, “*a mesma água que o cervo bebe lava os cabelos da namorada, numa clara sugestão de intimidade amorosa*”. (p.143-144).

6. *Por algumas considerações finais*

Após o exposto e sem nos alongarmos mais, é nosso dever moral reconhecer a impossibilidade, neste momento, de uma análise mais profunda da contribuição de Leodegário Amarante de Azevedo Filho para os Estudos Medievais no Brasil.

Tentamos, na medida do possível e nessas mal tracejadas linhas, resgatar uma minúscula parcela das obras do Mestre recifense que desvelam aspectos da Idade Média. Com isso, cremos, será possível destacar ainda mais, *lato sensu*, os estudos filológicos no Brasil, para o que os textos medievais devem recuperar e reocupar, inclusive, seu merecido lugar no cenário acadêmico brasileiro.

Pero Meogo brindou-nos com suas cantigas de amigo e Leodegário as trouxe ao cotidiano do século XX, demonstrando mais uma vez a sua perene atividade de “amigo das palavras” – *philologos* –, pois

Verba uolant, scripta manent!

As cantigas do trovador, aliadas aos comentários do imortal filólogo brasileiro, saem do núcleo ficcional – *estória* – e entram na *história* da literatura portuguesa e da filologia!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

_____. *As cantigas de Pero Meogo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974. [2. ed. Tempo Brasileiro/INL, 1981; 3. ed. Galiza (Espanha): Laivento, 1995; 4. ed. Curitiba: Prismas, 2012].

BACHMANN-MEDICK, Doris. *Kultur als Text – Die anthropologische Wende in der Literaturwissenschaft*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1996.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Práticas religiosas germânicas à luz da Literatura: Natureza, Asgard e Céu. Disponível em: http://www.lettras.ufrj.br/liedh/media/docs/art_alvaro9.pdf.

BRANDT, Rüdiger. *Grundkurs germanistische Mediävistik/Literaturwissenschaft*. München: Fink, 1999.

DETIENNE, Marcel. *Comparar o incomparável*. Trad.: Ivo Storniolo. Aparecida Norte: Ideias & Letras, 2004.